

O apoio da Alemanha

por Celso Pinto
de Colônia

"Estamos preparados para apoiar as medidas econômicas brasileiras nas negociações no Clube de Paris e no FMI", prometeu ontem, textualmente, o ministro da Economia alemão, Helmut Haussmann, quase ao final de uma hora de conversa com a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello.

O tom da conversa foi extremamente positivo e deixou a ministra animada. Haussmann disse apoiar as medidas de ajuste adotadas pelo Brasil. "Tenho a esperança de que o povo e o Congresso brasileiros entendam a chance histórica que está diante deles e não a deixem passar", afirmou, comparando as dificuldades brasileiras com as enfrentadas pela Alemanha no início dos anos 80.

Haussmann foi muito mais longe do que a primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, ao



Helmut Haussmann

oferecer apoio nas negociações com os credores oficiais no Clube de Paris — que a ministra prevê que possam ser abertas dentro de dois meses — e do FMI, com o qual uma missão brasileira está negociando no momento em Washington. O apoio é bem-vindo e necessário.

Pelo que apurou este jor-

nal, espera-se uma rodada dura de negociações com o FMI. Há concordância em relação aos princípios econômicos adotados pelo governo Collor, mas divergências visíveis em certas áreas. Mesmo antes de a missão brasileira desembarcar nos Estados Unidos, já haviam chegado a Brasília sinais de complicação em dois pontos importantes.

O Fundo quer uma redução substantiva e rápida da inflação. Sabe-se que os técnicos do Fundo gostariam que a média mensal de inflação no último trimestre deste ano caísse para não mais do que 2% ao mês e que ficasse estabilizada em cerca de 15 a 20% ao ano. O governo brasileiro, é claro, também gostaria de trabalhar com taxas tão baixas de inflação, mas teme que isso só seja possível num prazo bem mais longo e não quer comprometer-se com metas irrealistas.

O outro ponto complicado é a geração de saldos externos. O que o FMI tem em mente é algo muito mais generoso do que o governo considera compatível com o ajuste interno. O governo não quer que a necessidade de gerar grandes saldos comerciais atrapalhe a meta de tornar a economia mais competitiva, através de maior abertura às importações.

A ministra da Economia, aliás, voltou a enfatizar este ponto, numa palestra que fez a sessenta empresários alemães de porte, na moderna sede da Confederação das Indústrias Alemãs (CDI), em Colônia, à beira do rio Reno. Foi um

encontro revelador tanto do interesse dos empresários no País como de suas preocupações.

O ministro Haussmann disse à ministra brasileira que tem certeza de que os investimentos alemães vão ser retomados no Brasil, tão logo fiquem "mais visíveis" os resultados do plano de ajuste. Pelas perguntas

(Continua na página 17)

O apoio da Alemanha

por Celso Pinto
de Colônia
(Continuação da 1ª página)

feitas pelos empresários, o universo de dúvidas inclui a solução para a questão salarial, a duração da recessão e o resultado das eleições de outubro.

O professor Hans Joachim Langmann, da Merck (setor farmacêutico), e vice-presidente da Confederação das Indústrias, deu a dimensão dos interesses alemães no Brasil, ao lembrar que, entre 1980 e 1988, continuou-se a investir 2,7 bilhões de marcos, apesar da crise, mais do que se investiu em toda a Ásia, incluindo o Japão. "O investimento acumulado no Brasil é comparável aos investimentos alemães em parceiros como a Grã-Bretanha, a Itália e a Suíça", disse.

Para Langmann, "os sucessos já obtidos (pelo Plano Collor), a energia e tenacidade merecem nossos respeito". Existem, contudo, resistências, "especialmente sindicais", que são "compreensíveis, porque o País enfrenta grandes problemas sociais". Não obstante, é preciso implementar as mudanças necessárias, acha ele.

Um empresário, ligado a pequenas e médias empresas, queria como prioridade absoluta conter a inflação e que a recessão será função das resistências da sociedade a este objetivo. Outro empresário, ligado ao setor de autopeças, queria detalhes sobre a abertura da informática. A ministra respondeu que isso caberá ao grupo de trabalho montado para oferecer alternativas, mas ela via, em termos gerais, que em certas áreas o mercado ficaria totalmente liberado; em outras as empresas brasileiras possivelmente poderiam competir com peso e, em outras, o ideal será pensar em associações com o capital externo.

As perguntas passaram também pelas restrições da atual Constituição e os temores com os resultados das eleições. Zélia repetiu o que falara um dia antes, em Londres: se o governo conseguiu fazer mudanças substanciais com esta Constituição e este Congresso, por que não continuaria a fazê-las?

Além dos problemas específicos da América Latina, o Brasil enfrenta a fortíssima concorrência da Alemanha do Leste, na definição de prioridades dos empresários alemães. Haussmann procurou minimizar o problema. A unificação, comparou, "é um assunto de família", uma reconciliação que não deve preocupar os outros países. Da Alemanha unida surgirá, disse ele, o principal exportador mundial e isso abrirá amplas oportunidades comerciais.

Para os empresários, no entanto, a questão é importante. Como disse a este jornal Achim Scheuffelen, da Pebra, há dez anos com negócios no Brasil no setor de autopeças, a atração da metade oriental alemã é muito grande. A taxa de conversão do marco, de um para um com a moeda do Leste, retirou muito da competitividade da indústria alemã e do custo de sua mão-de-obra. Mesmo assim, contudo, mesmo para quem não imagina montar uma fábrica no Leste, caso de sua empresa, as oportunidades de vendas são enormes.

Scheuffelen, de todo modo, mencionou um ponto interessante. A possível integração econômica entre o Brasil e a Argentina pode, por sua vez, abrir novos horizontes para empresas como a sua. O mercado automobilístico argentino é muito estreito para justificar um grande investimento local, mas o maior acesso a ele poderia justificar uma ampliação dos negócios no Brasil.

A questão da regionalização apareceu de dois modos na conversa da ministra com Haussmann. Ele mencionou a crescente formação de blocos no mundo e sugeriu haver um risco embutido nesta tendência. De outro lado, quis saber da ministra como o Brasil havia recebido a iniciativa do presidente norte-americano, George Bush, de uma possível formação de um mercado comercial integrado entre as Américas.

Zélia disse que o Brasil via a iniciativa com grande interesse, mas considerava ainda prematura para avançar muito no tema. Ela mencionou que o Brasil e a Argentina vão discutir em conjunto a iniciativa para oferecer uma resposta mais ampla, algo que Haussmann não sabia.

A ministra teve ainda um encontro com o secretário geral do Ministério das Finanças, Friedrich Voss, e com o ministro para Cooperação Econômica e Desenvolvimento, Jürgen Warnke.

A noite, seguiu para Paris, onde terá um dia de encontros com autoridades — inclusive o presidente do Clube de Paris, Jean Claude Trichet — e com empresários e banqueiros. Fará o mesmo em Roma, na quinta-feira.